

**FIDEL**

**Projecto de Exposições (2006-2008)**

Miguel Wandschneider (Culturgest)

**Coordenação**

Miguel Wandschneider

Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade Mundial)

**Curador**

Ricardo Nicolau

**Coordenação de Produção e de Montagem**

António Sequeira Lopes (Culturgest)

**Montagem**

Fernando Teixeira

Heitor Fonseca

**Ecrã**

Avega

**Montagem audiovisual**

Luzeiro, Gabinete Técnico de Iluminação para Espectáculos Lda.

**Catálogo**

**Texto**

Ricardo Nicolau

**Imagens**

Nuno Ribeiro

**Desenho**

Pedro Falcão

**Proporção**

[A5] – 14,85 x 21 cm

**Tipo de letra**

Akkurat

**Coordenação editorial**

Rosário Sousa Machado (Culturgest)

**Revisão de provas**

am edições / antónio alves martins

**Impressão e acabamento**

Gráfica Maiadouro

**Tiragem**

1000 exemplares

**ISBN**

978-972-769-045-9

CHIADO 8 – ARTE CONTEMPORÂNEA

Largo do Chiado, 8 / 1249-125 lisboa

T 213 237 335 / [www.fidelidademundial.pt](http://www.fidelidademundial.pt)

Chiado8 Arte Contemporânea, inaugurado em Janeiro de 2002, é um projecto da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial, que, aproveitando a localização privilegiada de um dos seus edifícios centrais, decidiu participar nas iniciativas de reabilitação do Chiado através da criação de um espaço de divulgação da arte contemporânea.

# Nuno Ribeiro















O edifício da companhia seguradora que alberga o espaço Chiado8 localiza-se numa zona nevrálgica de Lisboa, das poucas que escapa à desertificação de que enfermam os centros históricos da maioria das nossas cidades. Durante dia e noite é palco para a circulação de muitos habitantes da cidade, mas também para uma deslocação massiva de turistas. Para isso contribui a proximidade ao Teatro São Carlos e a um dos cafés mais emblemáticos da cidade, visita obrigatória para o turista prevenido e munido de guia: a Brasileira do Chiado, antiga tertúlia de artistas onde parava Fernando Pessoa, o mais internacional dos nossos poetas. A esplanada deste café, concorrida durante todo o ano, mas com filas de espera durante a Primavera e o Verão, permite ao visitante de Lisboa a fotografia *souvenir* por excelência: são poucos os que resistem a fazer-se fotografar junto de uma estátua aproximadamente à escala real do famoso poeta, aliás, colocada ali para esse efeito. Note-se que, uma vez sentado na esplanada, ao cliente da Brasileira é praticamente impossível não olhar para o edifício da Fidelidade Mundial, exactamente à sua frente. Até porque pelas duas ruas que ladeiam o prédio passam eléctricos, e dos antigos ainda, motivo mais que suficiente para despertar a atenção do turista ávido de fotografar os símbolos do que entende corresponder à Lisboa típica. É numa daquelas ruas que se situa a paragem do eléctrico que conduz ao Castelo de São Jorge, outra paragem obrigatória na peregrinação turística. Também ao utilizador do Metro que sai na estação Baixa-Chiado é difícil desviar a atenção da face mais nobre do edifício da Fidelidade Mundial: uma das saídas da estação mais frequentadas desemboca praticamente à sua porta, permitindo-lhe descobrir gradualmente um elemento que ocupa temporariamente, mas de forma quase integral, o seu campo visual e que é justamente a sua fachada.

Quem já entrou no edifício da Fidelidade Mundial, nomeadamente para ver exposições – este seu edifício tem servido, nos últimos anos, uma programação mais ou menos regular de arte contemporânea –, passou obrigatoriamente por um vigilante sentado a uma secretária onde estão pousados vários monitores. Adivinha-se que é responsável por verificar quem entra e sai por esta porta principal, mas também por vigiar todas as movimentações registadas pelas várias câmaras espalhadas pelo interior e exterior do prédio. Uma vez na última sala do espaço expositivo, e dependendo da posição dos estores, ao visitante talvez seja dado perceber que lhe é vedado o acesso a um jardim suspenso. Este jardim, ocupando praticamente toda a extensão do edifício, tem uma saída para a rua, sempre fechada, que não fica

muito longe da paragem do eléctrico que segue até ao Castelo de São Jorge. Nenhum destes dados esteve ausente do processo de trabalho de Nuno Ribeiro neste seu projecto para o Chiado<sup>8</sup>. Pelo contrário: as principais premissas que o orientaram foram, desde o início, pensar a localização específica do edifício e tornar acessível, temporariamente que fosse, o jardim habitualmente vedado à circulação pública e que é um privilegiado promontório no centro de Lisboa. De certa forma, tratar as redondezas, a área circundante do prédio, o próprio prédio, como um *ready-made*, introduzindo as alterações necessárias para que o seu projecto permitisse reconfigurar um olhar, mas sendo suficientemente subtil para que, ausentes os códigos que anunciam imediatamente a presença da arte contemporânea, se anexassem o tempo e o espaço da experiência quotidiana. Por isso no edifício não existem bandeirolas, cartazes, tabelas, quaisquer das normais indicações de que se está perante um trabalho artístico. A Nuno Ribeiro interessou que a experiência do seu projecto não se confinasse a uma questão de introspecção voluntária e de auto-consciência por parte do espectador bem preparado. Em última análise, não lhe interessou ter espectadores. Até porque aquilo que apresenta não corresponde propriamente a uma obra: aproxima-se da escultura – embora não seja exactamente escultura – porque permite interpretar o espaço, aproxima-se da arquitectura – não o sendo – porque gera espaço, mas é, acima de tudo, um projecto que oferece uma presença unitária, longe das convenções da peça de arte, e que conta de antemão com a expectativa da não permanência (nunca será reproduzível noutra contexto). O artista é autor de uma situação, e não dos elementos que a compõem, na medida em que este não é um trabalho que viva de uma série de dispositivos, saltando de identidade e de papel em função de uma sequência, assumindo-se antes como um aparelho unitário: além de vedar o acesso ao espaço expositivo (onde não há de facto nada para ver) e de abrir a porta lateral que dá acesso ao jardim, o artista limitou-se a colocar um grande ecrã de *leds* – daqueles que nos habituámos a associar a contextos publicitários – na fachada do edifício. As imagens que passam neste ecrã, que terá como primeira audiência natural quem estiver sentado na esplanada ou simplesmente a sair da estação do Metro, são captadas por uma das câmaras de vigilância do próprio prédio e revelam a entrada para o jardim e a circulação das pessoas e do eléctrico naquela rua. Um objecto que à partida não estranhámos estar na fachada do edifício de uma empresa, com produtos a publicitar, transmite imagens que se afastam tremendamente – em termos iconográficos é claro, mas

também em termos de definição de imagem (neste caso um preto e branco com poucos contrastes) – dos códigos da apresentação rápida e eficaz de bens. Não é comum que se desperdicem espaço e meios supostamente relacionados com a comunicação, com imagens pouco nítidas e em princípio nada apelativas. Nuno Ribeiro mobiliza a experiência visual anterior do espectador, criando uma instabilidade susceptível de deslocar a atenção, os preconceitos e as convenções visuais. E é esta estranheza inicial que de certa forma funciona como catalizador para este projecto, absorvendo a atenção dos transeuntes, que algum tempo depois percebem que lhes está a ser dada uma percepção oblíqua do edifício. Mais: o ecrã na fachada corresponde a um túnel, ou a uma espécie de corte, que permite observar uma outra vista do mesmo prédio, deixando antever a passagem de eléctricos e pessoas que de facto surgem à nossa frente, sempre com um ligeiro desfasamento temporal. Digamos que *Fidel* agudiza uma das possíveis e quase inevitáveis experiências para quem está sentado na esplanada da Brasileira, e que corresponde a um jogo de expectativas, de memória e antecipação da passagem do eléctrico, motivado pela regularidade e pelo ruído da sua passagem. Acrescente-se que esta preocupação com o tempo, com a consciencialização inédita de uma sua passagem, está presente em todo o projecto de Nuno Ribeiro, para quem o tempo nunca é uma abstracção descorporalizada e que constrói *Fidel* como uma experiência, ou as bases para uma sua possibilidade, em que o espacial se dissolve no temporal e vice-versa. Sublinhe-se que, apesar de subentender a deslocação das pessoas, algumas motivadas pelo ecrã, outras simplesmente pela porta aberta, nunca o artista dita circuitos. Não existe neste projecto nenhum tipo de arrogância autoral, ou de predefinição de trajectórias. *Fidel* é uma “peça” em estado suspenso, sem princípio nem fim, que não dita ou ilustra circuitos de pensamento. Se o seu título – que não é obviamente um acaso ou um trocadilho com o nome da seguradora (os títulos sabem-se imprescindíveis) – alude ao político, é justamente pelo que este projecto nada tem de triunfante. Mais do que o facto de *Fidel* dar uma forma concreta às condições materiais da sua apresentação, respondendo à instituição nos seus próprios termos e denunciando um conjunto de forças que orientam as actividades e as decisões no interior de um determinado sistema cultural – no que se não distinguiria muito de uma crítica institucional encetada nos anos 60 –, o carácter subversivo deste projecto reside no seu profundo antiautoritarismo: porque é incompleto, efémero, porque denuncia um certo nojo pela ideia de produtividade, de alcance de objectivos. São desde logo

desbaratadas energias, possibilidades comunicacionais e promocionais. Mas apenas para dar origem a uma outra ordem de comunicação, em que os dados aparentemente incompletos, a ser interpretados e divulgados pela própria audiência, podem conduzir a uma disseminação das discussões em torno deste projecto. Uma disseminação no tempo, intrinsecamente oral e mutável, oposta ao impulso arquivístico e formatador que facilmente cataloga todas as ditas manifestações artísticas – a mais adequada a um projecto que questiona noções predeterminadas de formas de apresentação, de identificação e de participação. Em última análise, o quase nada e o desbarato de Nuno Ribeiro interpelam-nos na forma como construímos e traduzimos a experiência de arte.

Nuno Ribeiro nasceu em 1975, em Lisboa. Vive e trabalha em Lisboa. Frequentou o Curso de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Entre 1995 e 1999, frequentou o Curso de Artes Visuais na Escola Maumaus, em Lisboa. Em 2001, completou o Mestrado em Vídeo e Novos *Media* na School of the Art Institute of Chicago. Realizou várias exposições individuais: em *Project Room*, Centro Cultural de Belém, Lisboa (2000); em *Home Project*, apartamento, Lisboa (2001); em *SlowMotion*, ESTGAD, Caldas da Rainha (2002); na *Loop Video Art Fair*, Barcelona (2005); e em Vera Cortês – Agência de Arte, Lisboa (2006). Participou em diversas exposições colectivas, nomeadamente: *Trabalho/Work*, Centro de Artes Visuais, Coimbra (2003); *Lisboa Photo*, Pavilhão de Portugal, Lisboa (2003); *Video Lisboa*, ZDB, Lisboa (2003); *Bienal da Maia*, Cinema Venepor, Maia (2003); *Video Zone*, Cinemateca de Telavive, Telavive (2004); *Del zero al 2005 – Perspectivas del arte en Portugal*, Fundación Marcelino Botín, Santander (2005). Ao longo dos anos, tem-se desdobrado em numerosas colaborações (de forma regular com Ricardo Jacinto, de forma pontual com outros artistas, como Ion Grigorescu e Ângelo de Sousa) e participado em projectos e situações de natureza não-expositiva.